



O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA – UMA PROPOSTA DE ENSINO DISCURSIVO E REFLEXIVO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Solange de Lima Silva¹
Maria José Almeida Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como foco uma discussão teórica sobre a abordagem do gênero charge na sala de aula, no contexto de ensino reflexivo e discursivo da Língua Portuguesa a partir da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa considerando duas categorias de análise: o sujeito discursivo e as condições de produção do discurso com charges sobre os índios Yanomami tomando. A proposta parte da problemática: O que fazer para o aluno tornar-se um leitor crítico de charges? Como objetivo geral: analisar a importância da charge na sala de aula numa perspectiva discursiva para a formação de alunos críticos e reflexivos. Como metodologia, discorrer teoricamente sobre os conceitos da AD utilizando a charge como objeto de ensino, propor uma atividade discursiva com uso de charges. Espera-se que a presente proposta resulte na ampliação da capacidade de leitura discursiva no aluno, visto que a charge é um gênero textual discursivo que apresenta um discurso crítico que visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de aspectos da realidade atual em suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais, nas mais variadas formas de traduzi-la. E, com o arcabouço teórico de Orlandi (2014), Fernandes (2007), Pecheux (1988), Cardoso (2014), dentre outros, discutiremos acerca dos estudos discursivos.

Palavras-chave: Ensino da língua; Gênero charge; Contexto discursivo

INTRODUÇÃO

A análise do discurso³ tem se tornado cada vez mais presente no âmbito do ensino de língua portuguesa, pois, contribui para a formação de leitores e produtores de textos, críticos, reflexivos, conscientes das dimensões ideológicas e conflituosas da linguagem. E essa consciência se torna relevante, tendo em vista as diferentes situações de nosso cotidiano, os sujeitos em debate, assumindo posições de concordância e também de divergência, posturas que revelam os lugares socioideológicos assumidos por esses sujeitos, e a linguagem, forma material de expressão desses lugares, passa através dos discursos, a ter real e material existência.

Existe uma variedade de textos que circulam na sociedade e que, constantemente se renovam, ampliando a existência de eventos discursivos que possibilitam às relações sociais e o ato de comunicar. Dessa forma os gêneros textuais integram-se de maneira natural nas

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (PROFLETRAS/CH/UEPB), maria.solange@aluno.uepb.edu.br;

² Mestranda do Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (PROFLETRAS/CH/UEPB), maria.jose@aluno.uepb.edu.br.

³ Doravante AD

culturas em que se desenvolvem, o que evidência o exercício da língua como uma atividade social. Sendo assim este artigo tem como foco uma discussão teórica sobre a abordagem do gênero charge na sala de aula, no contexto de ensino reflexivo e discursivo da Língua Portuguesa, partindo dos conceitos de sujeito social e de condições de produção do discurso das charges.

Nessa perspectiva, este trabalho parte de uma situação-problema enfrentada por professores de língua portuguesa: O que fazer para o aluno tornar-se um leitor crítico de charges dentro de uma perspectiva discursiva? Como objetivo geral: analisar a importância da charge no espaço da sala de aula numa perspectiva discursiva para a formação de alunos críticos e reflexivos. E específicos: realizar uma discussão com charges sobre os índios Yanomami tomando por base o sujeito social e as condições de produção do discurso; propor uma atividade didática que tenha a charge como objeto de ensino e como metodologia, discorrer teoricamente sobre os referidos conceitos da AD utilizando o gênero charge como ferramenta de ensino e aprendizagem discursiva e para conclusão, trazer a discussão dos resultados. Como arcabouço teórico trazemos Orlandi (2014), Fernandes (2007), Michel Pecheux (1990), Maingueneau (2015), dentre outros, para as discussões acerca das manifestações discursivas situadas pelo leitor num momento histórico, social e político.

Acreditamos que por meio de charges, os alunos podem se tornar leitores com maior criticidade e podem vivenciar diferentes situações comunicativas a que o contato direto com a linguagem desse gênero se presta. Para tanto, a utilização de discursos estes em sala de aula, pode se configurar como um criativo instrumento pedagógico, visto que conduz o aluno a reflexão por suas características irreverentes, como a ironia e a sátira e, por questionamentos que, muitas das charges, levantam sobre a sociedade ao denunciar fatos sociais em tempo real o que causa curiosidade e interesse nos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise do discurso tem se tornado cada vez mais presente no âmbito do ensino de língua portuguesa, pois, contribui para a formação de leitores e produtores de textos, críticos, reflexivos, conscientes das dimensões ideológicas e conflituosas da linguagem. E essa consciência se torna relevante, tendo em vista as diferentes situações de nosso cotidiano, os sujeitos em debate, assumindo posições de concordância e também de divergência, posturas que revelam os lugares socioideológicos assumidos por esses sujeitos, e a linguagem, forma material de expressão desses lugares, passa através dos discursos, a ter real e material existência.

Para Cardoso (2014, p.32):

Quando se diz que a missão da escola é levar o aluno, de qualquer classe social, a poder interagir nas mais variadas situações concretas de discurso, entendemos que o que se deve esperar da escola é levar o aluno a dominar os diferentes universos semânticos que são importantes para uma dada sociedade ou cultura.

Nessa perspectiva, fica destinada à escola o desafio de oferecer condições para que o estudante se torne qualificado para o exercício de leitura e produção de diferentes tipos de discurso, de modo a ampliar o domínio de linguagem adquiridos através da família e de grupos sociais e até mesmo dos meios de comunicação a que estão expostos e que revelam diferentes situações discursivas.

Entende-se, assim, que a língua é uma entidade abstrata, formal, enquanto o discurso é um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos por meio de sujeitos interagindo em situações concretas de discurso por meio da linguagem. Dessa forma, Cardoso (2014) expressamente destaca que:

É por meio de um ensino produtivo (produção de textos e discursos) que a sala de aula pode se constituir num espaço não só reprodutor, mas também transformador de sentidos e de sujeitos; um verdadeiro espaço de interação, lembrando-se de que a interação pressupõe conflito ... e se localiza na relação social, que é, antes de tudo linguagem. Os lugares sociais somente podem existir por meio de uma rede de lugares discursivos. (CARDOSO, 2014, p. 53)

Considera-se, portanto, que na escola os professores e alunos se constituem pela linguagem e, na prática de sala de aula, transformar as aulas de língua portuguesa num momento privilegiado de interação discursiva e reflexiva é tomada não somente como uma atividade, mas como um processo criativo em que se privilegia a produção de textos e de discursos e que estes resultam em práticas escolares que levam à formação de alunos leitores e produtores de textos conscientes dos condicionamentos.

Cumpre-nos, nesse momento, tratar do processo de produção da linguagem em que Orlandi (2012) apresenta sobre o quadro epistemológico da análise de discurso que se apresenta como a articulação de três regiões do conhecimento científico:

o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações;



a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;

a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos; (ORLANDI, 2012, p. 25)

Este é um domínio que a linguagem necessita pela sua necessária relação com a exterioridade, por não ser única nem completa e por caracterizar discursos pela multiplicidade de sentidos possíveis. Esse pressuposto leva-nos a depreender que a linguagem não é precisa nem clara, tampouco distinta e que, merece, portanto, ser trabalhada no ensino de língua portuguesa, levando em consideração o que postulou Pêcheux (1969) quando afirmou que os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, ideológico, ou seja, as condições de produção, devem ser consideradas, pois, não são meros complementos.

Por este viés, a análise do discurso prevê a estratégia discursiva que no ensino da língua portuguesa há que se considerar, “o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social” (Orlandi, 2012). Assim, a AD, vai refletir a palavra enquanto ato social, com todas as suas implicações, desde os conflitos, reconhecimentos, identidades, relações de poder etc. Em face disso, ocorre a consideração do funcionamento da palavra (discurso) em suas diversas condições de produção.

No ensino da língua, a leitura exige uma certa compreensão quando o discurso entra em cena, por ser considerada uma prática discursiva que envolve uma situação concreta de interlocução – saber quem é o sujeito da leitura, de onde e como procede as interpretações, por exemplo, é tarefa permeada por leituras previstas para um texto e novas leituras possíveis. Cardoso (2014) afirma que:

A prática da leitura na sala de aula em vez de treinamento de habilidades de leitura (ler sem engasgar, ler mais alto, ler mais devagar etc.) o que o professor deve privilegiar é a leitura produtiva, ou seja: privilegiar a construção de sentidos que sempre se renovam, por meio da interação com o outro, para que de fato se forme um leitor produtor de textos, consciente do lugar que ocupa e de sua capacidade de intervir na ordem social. (CARDOSO, 2014, p. 59).

Em vista disso, é necessário que o aluno tenha constante acesso a uma grande variedade de textos e discursos, dentro e fora da escola, e seja capaz de produzir sentidos a partir dos textos que lê. Pois, nos sentidos que são atribuídos aos textos no ato da leitura, um processo de significação é desencadeado e assim o leitor se constitui, se representa e se identifica na relação de interação entre leitor-texto/autor. Portanto a leitura, ao produzir sentidos, embora regada pelo social, é sempre um acontecimento discursivo, prestes a produzir o novo. Desse modo,



desenvolver o ensino da língua portuguesa na AD é também perceber e considerar essa variedade de discursos que circulam socialmente.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece que logo no ensino fundamental, há a necessidade de se estabelecer uma relação entre a AD e o ensino de língua portuguesa ao trazer competências específicas para se “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.” (BRASIL, 2017, p. 87). Nesse sentido, a análise dos processos característicos do discurso e de suas condições de produção são princípios e competências indispensáveis ao ensino e aprendizagem.

Em se tratando do texto, para que não haja no ensino da língua o equívoco de se confundir texto e discurso, e de priorizar, nesse ensino, apenas questões internas do texto, como coesão e sequencialidade, deixando de lado o sentido do texto ou as suas condições de produção do discurso, faz-se indispensável a prioridade de um ensino (da língua), de influência mais efetiva da escola. Um ensino que conduza os alunos a aprender e interagir nas mais variadas situações de discurso e que tenham acesso àqueles textos que circulam socialmente com finalidades e capacidades discursivas, de modo a centrar-se no engajamento discursivo para agir no mundo social.

Nesse viés, observamos que os sentidos não estão nas palavras, mas na discursividade, já que as palavras mudam de sentido quando tomadas por sujeitos sociais diferentes. Assim, as formações discursivas, conforme aponta Orlandi (2003), “funcionam como um bloco heterogêneo que se reconfiguram continuamente nas relações entre sujeito, discurso e sociedade”. Assim sendo, as formações discursivas apresentam elementos que são oriundos de outras formações discursivas, logo todos os discursos são formados a partir de enunciados já citados.

No ensino da língua, o professor e o estudante precisam ter essa ciência de que o discurso está sempre no plano da descontinuidade mediante os acontecimentos históricos, sociais, culturais, assim como na contradição e negação do que se pode ou não dizer. Por esta razão, quando tratamos de um determinado tema – em sala de aula, por exemplo -, existem sempre os conflitos, as tensões, pois os sujeitos se posicionam, se opõem ou contestam, provocando diferentes efeitos de sentidos a partir dos contextos em que esses são advindos. Isso se dá efetivamente no trabalho de sala de aula, a partir do momento em que a Análise de Discurso passar a ser desenvolvida a favor do ensino de língua portuguesa.

Cumprir dizer que os diferentes discursos materializados nos textos levam o leitor/interlocutor, a refletir sobre o que os aspectos próprios à formação discursiva a que o sujeito se propõe, diz respeito. Pois, como afirma Fernandes (2007), o que marca as diferentes

posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, é a ideologia dos sujeitos em cena, esta é inerente ao discurso. Como sabemos, o sujeito discursivo é, antes de mais nada, um ser social e constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos.

Nesse intento, a relevância de inserir nas aulas de língua portuguesa a perspectiva da AD, para o desenvolvimento de atividades, contribui para que os alunos explorem os vários elementos que compõem o texto, em sua materialidade linguística além de adquirirem consciência acerca do discurso impregnado nos sentidos atribuídos ao texto, diante de suas condições de produção, suas temáticas e sua materialidade discursiva.

Na sala de aula, se o discurso ainda vem sendo analisado levando em consideração o aspecto prático da linguagem, detém-se apenas às questões de natureza linguística do texto. Muitas vezes, ao se desconsiderar o contexto de um determinado texto, não se percebe o efeito de sentido relacionado a ele, tampouco a intenção comunicativa presente nele. Ignora-se, na qualidade de professor de língua materna, os diversos sentidos atribuídos pelos estudantes ao texto.

No tocante à linguagem, pode-se dizer que a sua concepção, enquanto prática social, consiste num contributo de grande valia para o trabalho com AD em sala de aula, e o ensino, sendo visto e contemplado à luz dessa teoria na concordância de que trabalhar com o discurso nada mais é do que observar o viés prático da linguagem, além das condições de interação que ela apresenta é algo que vai além da matéria textual, enunciativa, e articula-se com aspectos de natureza sócio-histórica e ideológica.

Nessas circunstâncias, é preciso que no trabalho com ensino de língua portuguesa, busque-se respaldo nos pressupostos teórico-metodológicos da AD para as intenções almejadas pelos sujeitos dos discursos dos textos que se percebe os que são apresentados aos sujeitos e que se ofereça aos alunos condições para que eles entendam que o texto não é meramente um material linguístico, mas que vai além das questões relativas à forma do texto e da análise da língua enquanto sistema.

METODOLOGIA

Sob o objetivo de propor uma atividade didática na perspectiva discursiva, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa a partir do gênero discursivo charge a ser aplicada no ambiente escolar, sugere-se que uma das turmas(s) do Ensino Fundamental – anos finais seja o público-alvo, sob o propósito de se trabalhar a língua discursivamente para desse modo, ampliar a capacidade de leitura reflexiva dos alunos.



O gênero discursivo escolhido foi a charge que apresenta um conteúdo temático variado, e gira em torno de assuntos em plena discussão social e política, dentro da atualidade. Ao todo foram 03 (três) charges abordando o evento do “povo yanomami”. A proposta de atividade visa ampliar a capacidade de leitura/produção reflexiva dos estudantes do ensino fundamental anos finais para torná-lo um leitor proficiente e crítico da realidade social em que se encontra inserido na atualidade.

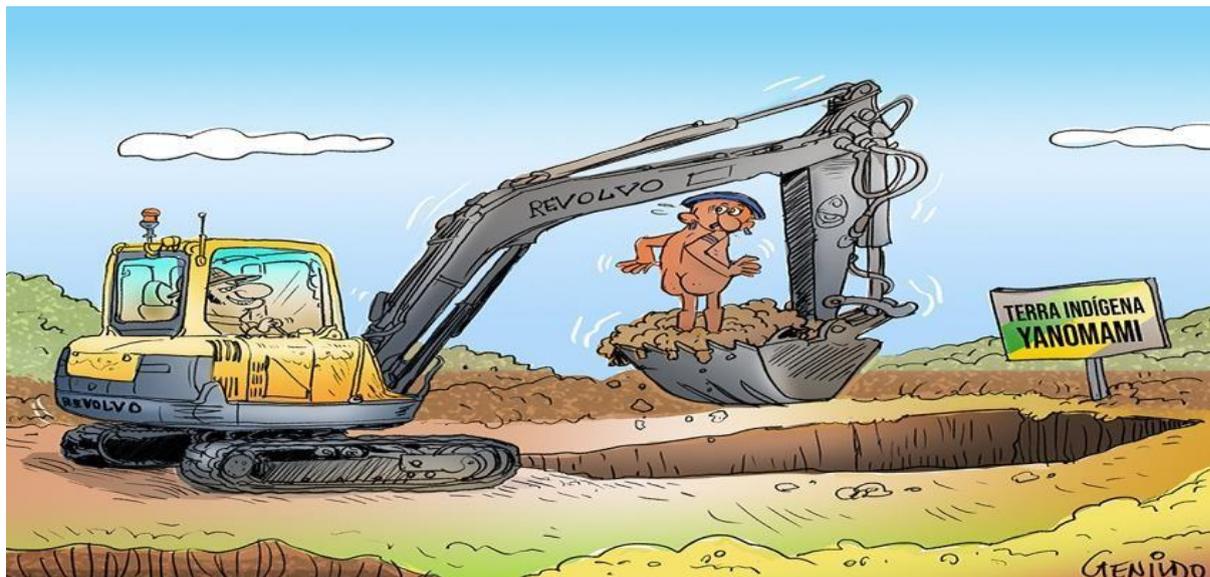
Trata-se de uma proposta de metodologia de ensino que ocasiona diversas manifestações discursivas situadas pelo leitor num momento histórico, social e político, que constrói significado no texto, no momento em que a leitura se realiza. Para a aplicação dessa atividade em sala de aula, é útil evidenciar as reflexões discentes em situações reais de uso, uma vez que as práticas escolares precisam considerar as atividades linguísticas contextualizadas e não de maneira isolada. Necessita-se buscar compreender elementos como sujeito e condições de produção, considerando, sobretudo, os possíveis sentidos inscritos nas charges coletadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendemos que o gênero charge aqui abordado tematizando o evento do “povo yanomami”, pode ser levado a uma leitura crítica em torno do sofrimento e violações de direitos causadas pelo avanço do garimpo ilegal dos indígenas. As características da charge evidenciam, enquanto gênero discursivo, que este é um gênero que pressupõe a constituição do sujeito, mediante as vivências e situações cotidianas, e seu conteúdo temático expõe ações sócio discursivas que merecem leituras e discussões vinculados em profundidade ao conteúdo das charges.

Nessas circunstâncias, a presença de sujeitos discursivos e seus aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso (condições de produção) são elementos que legitimam a sua relevância para um ensino discursivo e reflexivo da língua ao ampliar e promover ao estudante, a existência de eventos discursivos que possibilitam o uso da linguagem, na medida em que se ampliam os atos comunicativos em torno desse gênero.

A partir dessa realidade, é possível promover a charge a um gênero que viabiliza a leitura crítica e discursiva, em torno de um discurso crítico que conduz o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, nesta propositura, a realidade vivenciada pelos índios das tribos yanomami. A charge provoca uma atmosfera de efeitos de sentido produzidos nas suas circunstâncias históricas, política, ideológicas e sociais conforme os textos a seguir:

Charge 1:

FONTE: <http://www.genildo.com/2020/12/quais-os-limites-das-terras-indigenas.html>

A **charge 1** denuncia a fragilidade do território yanomami nas florestas de Roraima e Amazonas e a dura realidade dos indígenas, os sujeitos vitimados pela atividade criminosa realizada em sua região e que tiveram suas terras dominadas por garimpeiros. As condições de produção da charge foi o auge da degradação ambiental do povo yanomami, o garimpo, que deixa grandes crateras com água parada e contaminada no leito dos rios, leva à proliferação de doenças como a malária. A explosão do garimpo dentro do território Yanomami e em demais terras indígenas da Amazônia impulsiona a atividade garimpeira na Amazônia de forma irresponsável e inadmissível.

É essa linguagem discursiva deve ser trabalhada nos alunos para que vão desenvolvendo uma leitura discursiva a partir do gênero charge com a mediação do professor de português

Charge 2:

FONTE: <https://twitter.com/adnaeldaaz/status/1519469784689254402?lang=el>

A **charge 2** além de trazer um intertexto visual, os sujeitos presentes nessa charge, índios yanomami e povo vitimado pelos crimes ambientais, expõe a impunidade que o garimpo ilegal provocou floresta adentro de maneira avassaladora, rompendo cada vez mais a proteção ambiental, social e cultural constituídas pelas terras indígenas. Quanto as condições de produção, essa charge traz o discurso do medo e do perigo provocado pelas ameaças e ações dos garimpeiros, além da incidência de concentrações de mercúrio no sangue acima do limite, substância venenosa usada para garimpar o ouro nos rios, doenças e desnutrição crônica, o medo pelo desaparecimento de crianças, mortes e estupros na tribo indígena Yanomami.

Charge 3:



FONTE: <https://www.blogdomarioadolfo.com.br/dito-feito-nem-tudo-que-reluz-e-ouroa-tragedia-do-povo-yanomami>

A **charge 3** acima, dialoga com o atual contexto de violações de direitos causadas pelo avanço do garimpo ilegal nas tribos yanomami e, portanto, com sujeitos que fazem parte do caos acometido ao povo yanomami perante danos provocados pelo garimpo ilegal na região do rio Uraricoera, na Terra Indígena Yanomami. De um De um lado, a figura de um garimpeiro que fala que o índio pode ficar com a terra pois só querem o ouro, do outro lado, o índio, sujeito social que sofre as consequências do garimpo em suas terras. A figura do garimpeiro revela seu desejo exacerbado pelo ouro enquanto a imagem do índio retrata a sua tristeza e condição de vítima das estruturas garimpeiras do interior de terras indígenas.

Os três textos acima, dialogam com o atual momento vivido pelos povos indígenas

yanomami que merecem discussão em sala de aula ao elucidar como se constitui o sujeito através das charges com o intuito de verificar em atividades de português como, a partir desses elementos, se dá a constituição discursiva aí representada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura discursiva gera impactos a serem reconhecidos, oportuniza a participação dada aos estudantes do ensino fundamental de aprender vislumbrando leituras e produções críticas sobre o ensino que lida com o repertório disponível nas práticas socioculturais e mediatas ligando-se sempre ao modo como se dá o discurso mediante seu contato com o texto. Os alunos podem, assim, conhecer o gênero textual, aprender sobre leitura reflexiva/discursiva e sobre o contexto social.

A presente proposta amplia, nos alunos, a capacidade de leitura discursiva, visto que a charge é um gênero textual discursivo que apresenta um discurso crítico que visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de aspectos da realidade atual, determinando efeitos de sentido que dizem respeito ao fato que a origina e suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais, nas mais variadas formas de traduzi-la.

Diante do que foi exposto, cabe ao professor/educador de língua portuguesa priorizar e usar das estratégias discursivas existentes no gênero charge, pois assim contribuirá para a formação de um aluno/leitor e crítico que se coloca como sujeito que produz diversas formas de interação social. A necessidade dessa mudança de metodologia do ensino reside na alternativa de transformar a sala de aula num ambiente de ensino discursivo e reflexivo da língua. Dessa forma, a construção do conhecimento se desenvolverá dentro de uma conexão interativa na abordagem discursiva da língua.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

ISSN: 2358-8829



PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, SP.
Editora da